ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

LEITURA E SIGNIFICAÇÃO

Maria de Fátima Lemos França

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº. 5229
Data 26 / 04 / 99

Pontes e Lacerda, MT
1997

Tombo 2336/2

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

LEITURA E SIGNIFICAÇÃO

Maria de Fátima Lemos França

Orientação: Maria Inês Parolin Almeida

Ensaio Monográfico para Graduação do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literaturas do VIII Semestre de Letras do Campus Universitário de Pontes e Lacerda-UNEMAT.

ÍNDICE

Apresentação 05
Fundamentação Teórica 07
Fundamentação II 13
Fundamentação III 17
Fundamentação IV 19
Sistematização 22
A Pressuposição 28
A Argumentação 31
Os Tempos Verbais 36
Os Operadores Argumentativos 40
Leitura do Texto Ilustrativo 44
Leitura do Texto Lingüistico 48
Considerações Finais 53
Anexos 56

Agradecimentos

Ao criador do universo, a fonte de toda sabedoria;

À professora Maria Inês Parolin Almeida, pelo muito que aprendi sob sua orientação;

À professora Eliana de Almeida, pelo acompanhamento no decorrer do curso;

À meus pais, pelo apoio e carinho constantes;

À meus filhos, Luizinho e Gabriely, que de certa forma não tiveram a minha dedicação constante;

E principalmente ao meu esposo, Luiz Carlos, que muitas vezes fez das minhas as sua atribuições.

"Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista".

Marisa Lajolo

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

APRESENTAÇÃO

Enquanto aluna do curso de Letras, tive a oportunidade de conhecer formas de desenvolver o trabalho escolar, principalmente na disciplina de língua portuguesa.

A partir das observações realizadas nas escolas para conhecer a realidade de como é realizado o estudo da língua portuguesa, ficou comprovado, conforme as aulas assistidas na época em que cursava o 7° semestre, na disciplina de RELLP, ministrada pela professora Maria Inês Parolin Almeida, que assim como a produção de textos e o ensino da gramática, a prática da leitura também apresentada algumas dificuldades em sua metodologia.

Este trabalho teve continuidade no último semestre, quando nos foi proposta uma pesquisa que oferecesse-nos condições de aprofundamento de um dos itens observados anteriormente. Em conseqüência disso, resolvi continuar a observação da prática de leitura nas escolas, verificando a forma como é trabalhada, comparando-a com as outras possíveis.

A problemática desta pesquisa tem como base a forma mecânica com que é trabalhada a leitura, tornando o aluno um mero decodificador de palavras, aquele que não participa de sua própria leitura. Para a realização e confirmação dessa problemática, escolhi para observação uma sala de 4ª série da Escola Estadual de 1° grau "Antônio Carlos de Brito".

Sabendo que o professor tem dificuldades em desenvolver a leitura também devido às poucas condições de contato com orientações, estudos, bibliotecas e profissionais que o auxiliam em suas deficiências, espero

que este estudo realizado por mim, ajude-o a melhorar sua prática, possibilitando-lhe a compreensão das possíveis maneiras de se interpretar um texto, tornando o aluno o co-autor dele.

Esta pesquisa teve como objetivo a análise de um texto trabalhado na 4ª série, o qual foi interpretado de acordo com seu contexto, intertexto e ideologia, comparando assim, que é possível fugir à proposta de leitura encontrada nas escolas, tornando o texto um veículo de surpresas e de agradáveis descobertas, conforme a teoria apresentada pelas autoras *Indursky e Zinn,* na qual fundamentarei a interpretação do texto "O Brasil dos Índios".

Conforme *Paulo Freire:* "o aluno precisa ser preparado para tornar-se o sujeito do ato de ler", e a forma com desenvolvi o trabalho do texto poderá contribuir muito para tal preparação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa que desenvolveremos estará fundamentada de acordo com a proposta de leitura e produção de texto, apresentadas pelas professoras do Departamento de Letras Vernáculas, *Freda Indursky* e *Maria Alice Kaner Zinn*. **(*)**

As autoras apresentam uma metodologia para prática de leitura e produção de texto, que proporcionará ao aluno prazer tanto ao ler como ao escrever, rompendo com a leitura mecânica tão comum na escola, tornando-o sujeito do texto que lê e escreve.

Nesta pesquisa estaremos desenvolvendo apenas a proposta de leitura apresentada pelas professoras, por ser este o assunto que será observado e analisado no decorrer do trabalho.

Como já afirmamos, a escola trabalha a leitura de forma linear e mecânica, todos lêem da mesma forma, apenas decodificando as palavras e não encontrando seus sentidos.

A escola não se preocupa com o contexto educacional do aluno e com as relações escola - professor - aluno. Assim ela fica "desvinculada" da realidade deste, e o ensino fica massificado, o que não permite transparecer as diferenças sociais, trabalhando de uma mesma forma , como se todos fossem iguais e com o mesmo aproveitamento. Essa é conseqüência da política educacional que não se preocupa com a educação, não criando bibliotecas e nem capacitando melhor os profissionais da Educação.

(*) - Leitura como suporte para produção textual.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

"Neste âmbito, os alunos não conhecem a sua realidade, não lêem, nem sabem ler, não redigem: não possuem senso crítico. Em decorrência, constituem uma massa amorfa e passiva. Estes são o produto do trabalho do professor que também não lê, não faz uma análise crítica de sua realidade e , consequentemente, fecha-se o círculo vicioso de e uma educação alienante e reproduz indefinidamente e cada vez mais pessoas acríticas, acomodadas e submissas".

Esta colocação reflete verdadeiramente a realidade da escola: os alunos não sabem ler, não conhecem a realidade de vida da qual fazem parte, não a criticam, são passivos diante dela. O professor também não lê, é acomodado na sua formação, não busca o aperfeiçoamento, não faz nada para melhorar a realidade da escola; de forma que esta situação vai se reproduzindo e formando o círculo a que as autoras se referem.

Na escola a leitura é apenas identificação de palavras, é programada para ter uma resposta universal. O aluno retém o conhecimento, mas não coloca sentido no que lê, não questiona, não se posiciona. A leitura não lhe oferece prazer, não faz parte do seu universo, ela apenas reproduz a atitude autoritária e dominante existente na escola.

A leitura tem que ser crítica, ter várias interpretações, trazer novos significados. Assim ela proporcionará uma relação dinâmica entre professor e aluno, uma troca que enriquece a ambos. Esta leitura desacomoda o aluno ele passa a questionar e criticar, aumentando sua capacidade de compreender a si e ao mundo, amplia seu universo cultural.

"O leitor sujeito de uma leitura dinâmica e não paciente de uma leitura padronizada, recebe muitas informações que constituem seu

referencial". A partir da leitura o aluno estabelece as trocas, consegue dar significados ao que leu, de acordo com sua vivência.

As autoras entendem o conceito do texto sobre o qual se processará a produção de leitura como: "tudo o que faz parte do contexto em que o homem vive e é passível de leitura: ilustrações, músicas, publicidade e textos propriamente ditos, etc. Assim, conceituamos texto conforme *Ferreira*, como uma unidade significativa complexa, de natureza não apenas lingüística, mas comunicacional, na qual intervêm elementos contextuais em sentido amplo".

A metodologia que possibilita a produção de leitura proposta por *Indursky e Zinn* tem as seguintes fases, não necessariamente na seqüência apresentada, podendo variar de acordo com o se propõem: (*)

* **Leitura compreensiva**: visa a compreensão do texto em sua globalidade.

* **Leitura interpretativa**: visa, através de um processo analítico, a descontextualização e a recontextualização do texto para desvelar seus significados.

- ***Relações textuais***: levantamento de idéias e argumentos que o autor utiliza para defender sua posição.

- ***Os operadores lingüísticos da argumentação***: são marcas lingüísticas importantes da enunciação, pois determinam o valor argumentativo dos enunciados.

- ***Os pressupostos***: constituem os sentidos dos enunciados, a coerência do discurso, uma manobra argumentativa inscrita na significação da frase.

(*) - Os conceitos apresentados estão de acordo com a obra lida.

- *Os tempos verbais:* caracteriza a atitude comunicativa do locutor como *relato* ou *comentário*.

- ***Argumentação polifônica***: são asserções atribuídas as outros personagens discursivos, não é o próprio locutor que a enuncia, mas faz iniciá-las por todos.

- ***Explicitação do implícitos do texto***: levantamento de subentendido e inferências.

- ***Relações contextuais:*** determinação da situação de produção e da situação sócio-político-econômica do contexto histórico-cultural e sua relações com o texto.

- ***Relações intertextuais:*** é a relação entre diversos textos, da mesma natureza ou de naturezas diferentes, entre o texto e o contexto pode ser através de ***epígrafes:*** "o texto anterior é delimitado, é claramente indicado pelo autor no novo texto"; a ***alusão***: "mais evidente, próxima à citação"; ***reminiscência***: " consiste num traço de estilo, na repetição do rítimo, de uma expressão ou situação do primeiro texto"; ***paráfrase*** e a ***paródia***: "consistem numa retomada do texto anterior". **(*)**

* **Leitura crítica**: estabelecimento de conclusões a respeito das intenções do texto, a ideologia, para o sujeito leitor ter posição crítica, concordando ou não, apontar alternativas próprias, completando a produção de leitura.

* **Leitura do texto ilustrativo**:

1. - Leitura interpretativa

1.1- Relações textuais

(*) Teoria da Literatura na Escola-Graça Paulino e Ivete Walty.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

- Levantamento de idéias e argumentos

- Explicitação dos implícitos

1.2 - Relações contextuais

- Situação de produção

1.3 - Relações intertextuais

1.4 - Leitura Crítica

- Intencionalidade

- Ideologia: conjunto de princípios e normas que orientam a ação de um indivíduo ou de um grupo.

1.5 - Posicionamento crítico.

2. - Leitura do texto lingüístico

2.1 - Leitura interpretativa

2.1.2- Relações contextuais

- Levantamento de idéias e argumentos

. Operadores lingüísticos da argumentação

. Explicitação dos implícitos

2.1.3- Relações contextuais

- Situação de produção

- Contexto sócio-político-econômico

2.1.4- Relações intertextuais

2.1.5- Leitura crítica

- Intencionalidade

- Ideologia

2.1.6- Posicionamento crítico do leitor

2.1.7- Relacionamento entre a produção de leitura do texto ilustrativo e do texto lingüístico.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

FUNDAMENTAÇÃO I I

RELAÇÃO ESCOLA X LINGUAGEM

Diante de todas as leituras realizadas, comentaremos as teorias a respeito da importância do ato de ler, das dificuldades que existe e são um impecilho para o desenvolvimento prazeroso da leitura e finalmente, as propostas e sugestões apresentadas pelos autores dos textos.

Lilian Loopes, em "A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura", comenta um fato que é realidade nas nossas escolas: os alunos lêem por imposição da escola, que quer formar leitores, mas não visa à qualidade da leitura. A escola impõe um comportamento de massa, mecânico, devido a isto os problemas com a leitura ficam mais fortes. Ela não se preocupa com o individual, com as reflexões a partir de leituras, pois sua função é formar homens produtivos que sejam capazes de atender as necessidades do capitalismo. A leitura mais elaborada, com reflexão que possibilita ao aluno fazer a relação com toda a sua história de vida é , "perder tempo". É mais fácil e rápido ler o livro didático, que traz tudo estabelecido e pronto, só para o professor aplicar e cobrar do aluno que ele faça igual ao que o livro traz.

O professor não pode ser totalmente responsabilizado pelos problemas de leitura, ele também é parte do processo escolar, com baixo salário, número elevado de alunos, pouco acesso a livros que não sejam os poucos que a escola oferece. E muitas das vezes a escola tem uma biblioteca, mas falta um profissional capacitado para encaminhar o trabalho do leitor, seja ele professor ou bibliotecário. Assim os livros ficam confinados, sem o aluno,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

que quando vai à biblioteca não sabe como manuseá-los devido ao pouco contato com eles. A leitura é uma forma de prazer, o professor precisa saber despertá-la para que o aluno descubra-o em suas leituras. deixar o aluno escolher o tipo de texto ou livro que deseja ler já é uma forma de iniciá-lo como leitor. Mas numa escola sem livros o trabalho torna-se mais complicado, as dificuldades encontradas pelo professor serão maiores.

Marisa Lajolo diz que "o texto não é pretexto para nada, é o encontro entre quem escreve e quem lê", para que o encontro seja satisfatório é necessário que os textos se adéquem ao gosto do aluno.

A leitura de um texto é individual, cada um lê de uma forma, tem determinada interpretação, pois o texto tem vários sentidos, cada um coloca os seus. E a cada leitura surgirão novos significados que serão aprofundados de acordo com a compreensão dos livros, de gentes e de vida.

Os textos serão inculcadores de valores e atitudes se não forem bem explorados, pois todo texto tem uma ideologia, que mesmo implícita, o aluno percebe, se não for trabalhada mostrando o que é verdade e que não é, acaba-se captando-a como verdade. Os textos também são trabalhados como pretexto para o ensino da gramática, para aumento de vocabulário, significado das palavras, que terão significados de acordo com o contexto. O aumento do vocabulário é muito visado para que o aluno domine o maior números de palavras "melhores", que são as mais raras, e não use as piores, as que pronunciam diariamente.

O professor, para ensinar a prática de leitura, precisa tê-la e dela gostar, mostrar para o aluno que através dela é possível fazer muitas relações; que ele não lê somente para responder as questões que o livro pede, que lendo ele terá condições de colocar os seus significados, questionar o texto,

concordar ou não com que ele traz, enfim participar da formação final do texto - descobrir as várias polifonias, relacioná-lo com outros, com a música, com a sua própria vida.

Segundo *Lígia Morrone*, uma característica importante para ser observada no tocante à leitura, é a ideologia que está subentendida. Como já foi dito, todo texto tem uma, temos que descobri-la para não ficarmos passivo diante dela.

ALTHUSSER **(*)** conceitua ideologia como "sistema teórico que camufla e justifica a dominação de classe, mesmo sabendo-se que os efeitos das ideologias não são homogêneos". Elas organizam massas, funcionam como inconsciente cultural.

A linguagem do homem é condutora de sua ideologia. Se a linguagem está a serviço do texto, é nela que encontraremos a ideologia de um grupo, ou a do autor. A sua visão de mundo informa a sua linguagem. A realidade representada na obra é transformada, elaborada e inventada de acordo com os elementos de sua linguagem. Ao escrever ele já visa um leitor, pois toda obra literária tem um destinatário explícito ou implícito, pois escrever é um ato social.

Encontramos a ideologia nos enunciados do texto, nas marcas da enunciação. Através da linguagem dos personagens, o autor revela, intencional ou não, seus valores, recria a realidade, comunicando o seu ponto de vista.

Já sabemos que o leitor não recebe o texto pronto, ele participa de sua criação. Mas o leitor da Literatura infantil é um "leitor dirigido", a leitura

(*) - Leitura e ideologia - Lígia Morrone Overbruck.

propõe a ensiná-lo. Ele se identifica com os personagens, os papéis são vividos pela imaginação deles, "o mundo de ficção é o seu MUNDO, a fantasia é a sua REALIDADE". Nas ações, idéias dos personagens estão os valores de um mundo, a leitura é a representação do real.

Para *Vygotski* "as idéias sociais encontram sua encarnação nas pessoas concretas, heróis populares e em personagens de obras artísticas. A evolução da criança é constantemente orientada graças à influência desses modelos", que são portadores de ideologia, que são incorporados pela criança como sua e verdadeiras. Já nas primeiras leituras tem-se que encaminhar o questionamento, para que a partir dele a criança tire suas conclusões, aprenda a exercitar a crítica.

Todo texto traz as expectativas do escritor, o leitor transforma-a ou não nas suas, de acordo com a sua classe, com a época em que vive, com as influências que o formaram e com a sua realidade. O leitor tem que ultrapassar o escrito. O autor apenas o guia, os vazios do texto tem que ser preenchidos por ele.

O que os autores comentam são dados importantes para a prática de leitura, que se o professor tiver conhecimento a respeito deles, realizará o trabalho com o texto com menas dificuldade.

A leitura não pode ser uma obrigação para o aluno, ler apenas para descobrir os personagens, parágrafos e as coisas que já estão claras no texto. Ela tem que ser, antes de tudo, prazer. O aluno precisa ler para ele próprio, e assim ir descobrindo o mundo de leituras possíveis nos vários textos ou num apenas, fazer relação deles com a sua vida, com o passado, entre ler e falar.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

FUNDAMENTAÇÃO III

LIVRO DIDÁTICO

Conforme o que dissemos na sistematização das aulas, a professora trabalha a leitura e a interpretação de textos de acordo com o livro didático; as questões da interpretação são típicas dele, e que já conhecemos, como aluno ou professores. Mas o que é o livro didático? Ele tem pontos apenas negativo, ou apresenta algum positivo? Os autores e professores *Ezequiel Teodoro* e *João Wanderley* em "**Livro Didático de Língua Portuguesa**: A favor ou contra?" fazem alguns exclarecimentos a respeito do assunto.

O livro didático "é um livro organizado em lições, com temas selecionados, destinados a um público específico". Não tem os conteúdos selecionados, sua organização é em função de temas principais e de acordo com a série. O interesse do aluno por um determinado assunto que não faça parte de sua série acaba tendo que esperar o tempo previsto pelo livro. O livro didático pode ser leitura de sala de aula, mas não especificamente a única forma. O professor precisa buscar outras fontes, precisa ter o hábito e principalmente a condição para ler, assim ele será capaz de selecionador textos que venha ao encontro das necessidades do aluno. Mas é preciso ter sempre livros e outros materiais escritos que possam ajudá-lo nos estudos.

O ensino centrado no livro didático fica uniforme, os alunos não são iguais, e são eles que usam o livro, assim, ele torna-se uma espécie de alienação, predeterminação e falsificação das condições de trabalho, pois as

realidades dos alunos não são iguais, os interesses e necessidades são peculiares a cada um. O livro didático dá as aulas prontas. O professor não precisa pensar para criar uma aula, é só abrir o livro e escolher um conteúdo, que na maioria das vezes não é do seu interesse nem do aluno, mas está ali bem fácil, porque não usá-lo?

As escolas não possuem bibliotecas e materiais de consumo. Possui muitos livros e pensa-se ser o necessário para melhorar as condições de trabalho, mas depois de vários anos de escolaridade, os resultados não são satisfatórios: os alunos não fixam a aprendizagem contidas neles. Apesar dos professores estarem com o livro didático em mãos, eles não encontram nele todas as respostas, dessa forma ele torna-se um mero executor das concepções contidas no livro, que adotam a ele e ao aluno.

O professor pode usar o livro didático como um meio de orientar o seu trabalho; o que ele não deve fazer é tê-lo como suporte para toda a aprendizagem. É preciso outros materiais para melhorar a qualidade de suas aulas, transportar o aluno para fora dos conceitos pré-estabelecidos no livro, pois o livro didático é a forma de alienação que não nos permite perceber e diferenciar as diferenças do mundo em que vivemos.

FUNDAMENTAÇÃO I V

DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO

Para a semântica argumentativa, as relações homem - natureza e homem - homem se estruturam simbolicamente.

A interação social através da língua caracteriza-se pela argumentatividade. Por meio do discurso o homem tenta influir sobre as opiniões e comportamento do outro, utilizando o argumento para convencer o outro a uma determinada conclusão. Portanto, o argumento é um ato lingüístico fundamental, pois "a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo". A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende "*neutro*", ingênuo, contém também uma ideologia - a da sua própria objetividade. Assim, ao produzirmos um discurso, já colocamos nele as nossas intenções, as opiniões que desejamos suscitar.

Perelman (1970) ressalta que o ato de convencer se dirige à razão, atingimos a um auditório universal; o ato de persuadir atinge aos sentimentos dos interlocutores por meio de argumentos, dirige-se a um auditório particular. "O primeiro conduz a certezas, o segundo leva a inferências que podem levar o auditório, ou parte dele, à adesão aos argumentos apresentados".

O discurso é uma atividade que produz efeito, veicula mensagens, quem o pratica interage socialmente, instituindo-se como *EU* e constituindo-se como interlocutor. Para ser bem estruturado o discurso precisa ter explícitos e implícitos. os elementos para a sua compreensão deve obedecer às condições

de progresso e coerência. Isso faz do texto um texto e não uma soma de frases, pois existem uma ligação entre as idéias, as intenções e as unidades lingüísticas do enunciado.

Halliday (1973) define o texto como "realização verbal entendida como uma organização de sentido que tem o valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado".

Assim, a argumentação é a atividade responsável pela estrutura de qualquer discurso, já que este desenvolve-se apartir das manobras discursivas, que dão coesão e coerência ao texto.

Segundo *Vogt* (1980), "todo enunciado diz algo, mas o diz de um certo modo. Ao dizer, o enunciado representa um estado de coisas do mundo - têm-se aqui o que se pode chamar de significação ou de sentido **1**. Por outro lado, ele mostra (...), o modo como o enunciado é dito, ou seja, a maneira com se representa a si mesmo: é o sentido **2**".

Já que as intenções do falante ao produzir um enunciado são as mais variadas, não é cabível atribuir-lhe um só significado verdadeiro. Toda interpretação é realizada com a suposição de que quem fala tem certas intenções, ao comunicar-se. Compreender um enunciado é apreender suas intenções.

Ducrot (1978b) "ressalta a existência, da linguagem ordinária, de uma **estratificação do dizer**: para se descrever o discurso de alguém, não basta indicar o que a pessoa disse, mas também **em que nível ela o disse:** o sentido "***explícito***" (...) constitui, nas línguas naturais, apenas um nível semântico, de modo que, subjacentes a ele, podem dissimular outros níveis de significação "***implícitos***".

Cada texto, de acordo com as intenções do autor, estabelece a relação argumentativa, que resultam nas explicações, justificativas, razões, relativas aos atos de enunciação anteriores.

SISTEMATIZAÇÃO DO LEVANTAMENTO DE DADOS EM SALA DE AULA

De acordo como o proposto nesta pesquisa, foram observadas, no período de 17/03 a 04/04 de 1997, dezessete aulas de Língua Portuguesa na 4ª série matutina da Escola Estadual de 1° grau " Antônio Carlos de Brito ".

Nesta 4ª série estão matriculados 38 alunos da mesma faixa etária, interessados na aprendizagem, uma turma excelente para se colocar em prática muitas teorias, com grande margem de aproveitamento, pois além do interesse, também apresentam relativa facilidade de aprendizagem (faço essa afirmação de acordo com minha experiência como professora da turma no ano anterior).

Esses alunos pertencem à classe de baixa renda, são filhos de pais trabalhadores e, muitos deles já realizam algum trabalho. A pouca condição de acesso a bons livros não é um a fator que os impeçam de ler. Eles estão sempre solicitando à escola livros emprestados, não se importando com o conteúdo, querem mesmo é buscar novas leituras.

Apesar de a escola estar localizada em um bairro periférico, os problemas de infra-estrutura não chegam a ser ponto negativo para a aprendizagem, a não ser o número de carteiras, que não é suficiente para todos os alunos do matutino, e sempre é necessária a visita deles a alguma outra sala à procura de carteiras e a de outros nesta.

Das dezessete aulas, onze foram destinadas ao ensino da gramática, e apenas seis a leitura de textos. Em aulas de 90 minutos, apenas 20 minutos, em média, são dispensados para a leitura.

Tendo como base as seis aulas em que foram trabalhadas a leitura, posso afirmar que não é feita nenhuma preparação para o seu início.

A professora trás um texto escolhido por ela, entrega-o ou diz a página do livro didático, pede que iniciem a leitura, alguns alunos fazem a leitura oral para a sala, leitura que é realizada em voz muitas vezes baixas, tornando difícil verificar a entonação colocada pelo aluno. Depois desta leitura nem sempre parte-se para a interpretação, passando já para a gramática. Por isto observei que o trabalho com o texto é superficial, pois a interpretação é a proposta pelo livro didático, sem nenhuma relação com o contexto das crianças ou intertextos possíveis. O aluno não participa do texto, não o interpreta, nunca o relaciona com o seu contexto. Por exemplo, o texto "Asa Branca " tão rico, não foi explorado, não foi feita nenhuma relação com a situação de vida dos nordestinos, dos problemas enfrentados por eles, a migração e outras explorações nas quais os alunos teriam condições de opinar. Da mesma forma do texto "O Brasil dos índios ", que poderia ter sido explorado com relação à situação atual dos índios, como vivem hoje, as conquistas , as evoluções, os direitos deste povo, que eram os donos do brasil, e hoje o dividem com milhares de pessoas das variadas culturas.

Usarei este texto para melhor refletir a questão da interpretação segundo o livro didático. Esse foi o único texto que ocupou os 90 minutos da aula para ser trabalhado. A atividade consistiu em: os alunos foram divididos em grupos para a realização da leitura; depois a professora iniciou a leitura em voz alta e foi explicando e questionando algumas partes, como: o que significa " equilíbrio com a natureza ", " conhecer seu hábitos ", " colonizar ", etc. Fez ainda um pequeno comentário a respeito da história do descobrimento do Brasil, e finalmente passa o questionário para os alunos com as seguintes

questões: **a**) Os escritores do texto falam sobre a descoberta do Brasil. Você acha que a chegada dos portugueses foi ruim para os indígenas? ; **b**) O que aconteceu aos índios depois da chegada dos portugueses ao Brasil? **c**) Hoje como a sociedade vê o índio? **d**) Você acha que os índios são preguiçosos e que sua terras deveriam ser dadas a que quer trabalhá-las? " Ainda com relação a este texto, a professora fez uma explicação incorreta a respeito do conceito "distribalizado", dizendo que significava "os índios sem cultura". No texto está bem claro que trata-se dos índios que estão "totalmente integrados ao mundo dos brancos".

Nas fábulas: "A raposa sem rabo", "a raposa e a cegonha" e "o macaco sabido", não foi bem explorada a moral de cada uma, a professora não comentou o valor e o limite da vaidade, da sobrevivência, da esperteza dos personagens, principalmente da raposa, que aparece em duas fábulas. O conceito de fábula não foi o correto, a professora usou como exemplo o texto "O amigo da onça" e explicou ligeiramente que a fábula pode ser com animais o pessoas. Como sabemos, segundo o pesquisado em " Literatura e Redação" de Irene A. Machado: A fábula nasceu no Oriente e foi reinventada no Ocidente pelo escravo grego ESOPO, que criava histórias baseadas em animais para mostrar como agir com sabedoria. Suas fábulas, mais tarde, foram reescritas em versos, com um acentuado tom satírico pelo escravo romano FEDRO. Contudo, o grande responsável pela divulgação e reconhecimento das fábulas de Esopo no Ocidente moderno foi o francês JEAN DE la FONTAINE, um poeta que conhecia muito bem a arte e as manifestações da Cultura popular".

A fábula tem como assunto a vida dos animais e tem uma moral implícita ou explícita. Os personagens são geralmente animais, que são

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

colocados numa situação humana exemplar, nos transmitindo uma mensagem específica, um ensinamento. Vê-se então o equívoco da professora ao conceituar fábula.

A fábula: "A raposa sem rabo", foi trabalhada na avaliação mensal dos alunos, e não houve nenhum esclarecimento a respeito dos possíveis significados, a interpretação limitou-se às seguintes perguntas: " **a**) Como era a raposa Lili? **b**) O que aconteceu com Lili? **c**) Na sua opinião, porque Lili queria que as outras raposas cortassem seus rabos? **d**) O que as outras raposas fizeram com Lili quando desconfiaram de sua proposta? **e**) O que acontece com Lili depois disso? Tais perguntas são típicas do livro didático, versam sobre o personagem principal (Lili) e não explora o que representa sua conduta na fábula.

De uma aula para outra houve uma quebra, não se fez nenhum comentário sobre a aula anterior, o texto lido, a relação entre as fábulas e os outros textos.

Foram trabalhados ao todo oito textos, dentre eles três fábulas e uma poesia, que suponho ser de três diferentes livros, mas com a mesma forma de interpretação mecânica e superficial, através de questionários. A poesia da música "Asa Branca" foi explorada no tocante à gramática para diferenciar norma popular e culta. Essa forma de diferenciação está incorreta, pois a linguagem da poesia é regional e não popular. A professora ainda explicou que se o aluno falar "prantação" no lugar de "plantação", ou "oiei" no lugar de "olhei" será considerada uma forma errada de falar e que na escola tem que se falar corretamente.

É dedicado maior tempo ao ensino da gramática, com cópias e correções de exercícios, sempre de acordo com o livro didático, como: separe

as sílabas e circule os encontros vocálicos, consonantais, dígrafos, ditongos..., assim os alunos não tiveram a oportunidade de, através dos textos, trocarem informações, chegarem a conclusão, deixando de lado o caderno e o lápis, pensando apenas no que foi lido, no que foi possível retirar da leitura e que é parte do seu vivencial.

Uma atividade negativa foi com relação à forma de encaminhar a gramática, a professora tem o mesmo livro dos alunos, mas usa outro para passar os conteúdos gramaticais, assim o aluno perde muito tempo, copiando conteúdos e exercícios semelhantes aos do seu livro, e acaba desviando a atenção para outras coisas , pois sabe o que está sendo ministrado, também será encontrado em seu livro. Essa prática não teria um melhor objetivo se a professora fizesse a comparação junto com os alunos entre dois livros e observasse a forma como diferentes autores colocam o ensino de um conteúdo?

Entretanto, após o período de observação, não é justo considerar as dificuldades detectadas no ensino de Português, principalmente com o trabalho da leitura, como responsabilidade exclusiva do professor ou do aluno, pois a escola é tida como um lugar que deveria oferecer a todos o acesso ao conhecimento, mas será que a qualidade e o nível desse conhecimento são garantidos? Ou será que apenas aqueles que fora dela têm o acesso às formações psicológicas, morais e intelectuais é que conseguem um desenvolvimento satisfatório? Não seria necessário uma reestruturação de todo o sistema escolar, das pessoas envolvidas nele para que se possa oferecer melhores condições de aprendizagem àqueles que vêm à escola com o intuito de buscar novas descobertas e ampliar seus conhecimentos de forma satisfatória?

O professor é a peça fundamental. Mas para que ele desenvolva as habilidade dos alunos, não seria preciso primeiramente desenvolver as suas? E neste caso não teria de oferecer a ele condições para estudos, pesquisas e aperfeiçoamentos? Será que só através do investimento na qualificação do professor e do lugar no qual ele trabalha, é que a escola poderá ser realmente um meio de acesso ao conhecimento?

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A PRESSUPOSIÇÃO NO TEXTO
O BRASIL DOS ÍNDIOS

Frege (*1) estabeleceu como referência de uma preposição o seu valor de verdade. Se substituirmos uma preposição por uma expressão de mesmo valor, toda preposição manterá o mesmo valor, a mesma referência.

Para estabelecer uma pressuposição torna-se necessário analisar a frase - sua significação e o sentido do enunciado e o que ele realiza dentro da frase.

Ducrot conceitua como pressuposto de um enunciado "as indicações que ele traz, mas sobre os quais o enunciador não quer (...) fazer recair o encadeamento. Trata-se de indicações que se dão estando à margem da linha argumentativa do discurso". E em *Vogt*: "A pressuposição lingüística pode ser considerada como constitutiva de uma "*espécie de tópico de lugar de argumentação*", mas um lugar privilegiado, uma vez que, guardando a natureza do implícito, ela se apresenta como a força de uma imposição explícita. (...) A pressuposição poderia ser vista como uma espécie de presunção de adesão do *(s)* interlocutor *(s)*, por parte do falante". **(*2)**

O **posto** é o lugar onde se apoiam os encadeamento discursivos e argumentativos, os subentendidos, objetos de asserção.

(*1) - Argumentação e Linguagem - Pag. 49

(*2) - Argumentação e Linguagem - Pag. 67

"É pressuposto, num enunciado, aquilo que é aduzido pelo enunciado, mas que não é aduzido de modo argumentativo, não é apresentado como devendo orientar a continuação do discurso". A **pressuposição** é um ato, parte integrante do sentido dos enunciados. O **Subentendido** é ato de afirmar, pedir, ordenar ou pressupor, diz respeito à forma como o subentendido é decifrado pelo destinatário. Ducrot afirma: "No subentendido fazemos com que outrem diga o que dissemos". **(*3)**

São usados para o reconhecimento de uma pressuposição os critérios de **negação e interrogação**, eles são concernentes às frases e não aos enunciados, mas a sua aplicação é restrita, é para explicar diferenças entre subentendido (*depois*) e pressuposição (*antes*). Nem todas as frases podem ser negadas ou interrogadas. Para a identificação de um pressuposto, ainda pode-se usar a lei do **encadeamento**; só se encandeia sobre o **posto**, a afirmação é pressuposta, ela não é o tema do discurso, mas o quadro no qual ele irá se desenvolver. Os critérios de negação, interrogação e o encadeamento, indicam quais os enunciados são marcados pelos pressupostos.

Quanto à tipologia, os pressupostos podem ser:

a) - gerais

b) - ilocucionários

c) - da língua: ligados à existência, na frase, de morfemas bem determinados;

C1 - existências

C2 - Verbais

C3 - de construção - a) por vezes, a maneira como a frase é responsável pela pressuposição; b) muitas conjunções de subordinação, como

(*3) - Argumentação e Linguagem - Pag. 72

ANTES QUE, DEPOIS QUE fazem aparecer como pressuposta a verdade da preposição que introduzem;

C4 - adverbiais: introduzidas por morfemas como MESMO, AINDA, JÁ, PELO MENOS, etc.

No texto "O Brasil dos índios", encontramos alguns **pressuposto de construção e adverbiais**:

O locutor ao dizer: "... nesta terra que foi toda deles...", reitera que já não é mais, para ele a terra era toda dos índios antes dos "*brancos*" chegarem, e em, "... a destruição do mundo indígena..." pressupõe que antes era um mundo perfeito, eles não guerreavam, não destruíam, uma idéia marcante de novo presente no texto.

No enunciado, "...o resultado foi o genocídio que ainda continua ..., prevê-se que no passado também houve genocídio, é um fato que se repete, reitera que o índio continua sendo a vítima. E em "... grande parte dos quais ainda não tem os limites definidos, já que não há muita gente ...", concluímos que os índios não tem sua terras novamente, devido as pessoas que estão interessadas nelas.

Os pressupostos dão coerência no discurso, permitem as manobras argumentativas que formam os sentidos dos enunciados.

A ARGUMENTAÇÃO E A AUTORIDADE POLIFÔNICA NO TEXTO "O BRASIL DOS ÍNDIOS"

Polifonia, segundo *Ducrot* é definida como "a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos - aos interlocutores, a terceiros ou à opinião pública".(*)

A polifonia é constante no discurso, o locutor tira conclusões, não se responsabilizando por elas, atribuindo-as ao enunciado.

Através da argumentatividade, o leitor ou alocutário pode ser induzido a determinadas conclusões.

O pressuposto básico do texto "o Brasil dos índios" é a relação presente X passado, tendo como base o contato com que o autor chama de "índio", em oposição ao "branco".

Os argumentos para a sustentação deste pressuposto são:

Presente	**Passado**
- Massacres, lutas	- Donos da terra
- Mortes	- Convivência com os adultos e liberdade
- Domínio de outros povos	- Felicidade
	- Equilíbrio com a natureza
- Novos invasores	- Mortes
- Vítimas	- Início da destruição e dominação

(*)- **Argumentação e Linguagem - Pag. 142**

- Luta pela terra
- Abandono da cultura
- Fazendeiros, mineradores
- Invasores
- Vítimas
- Portugueses

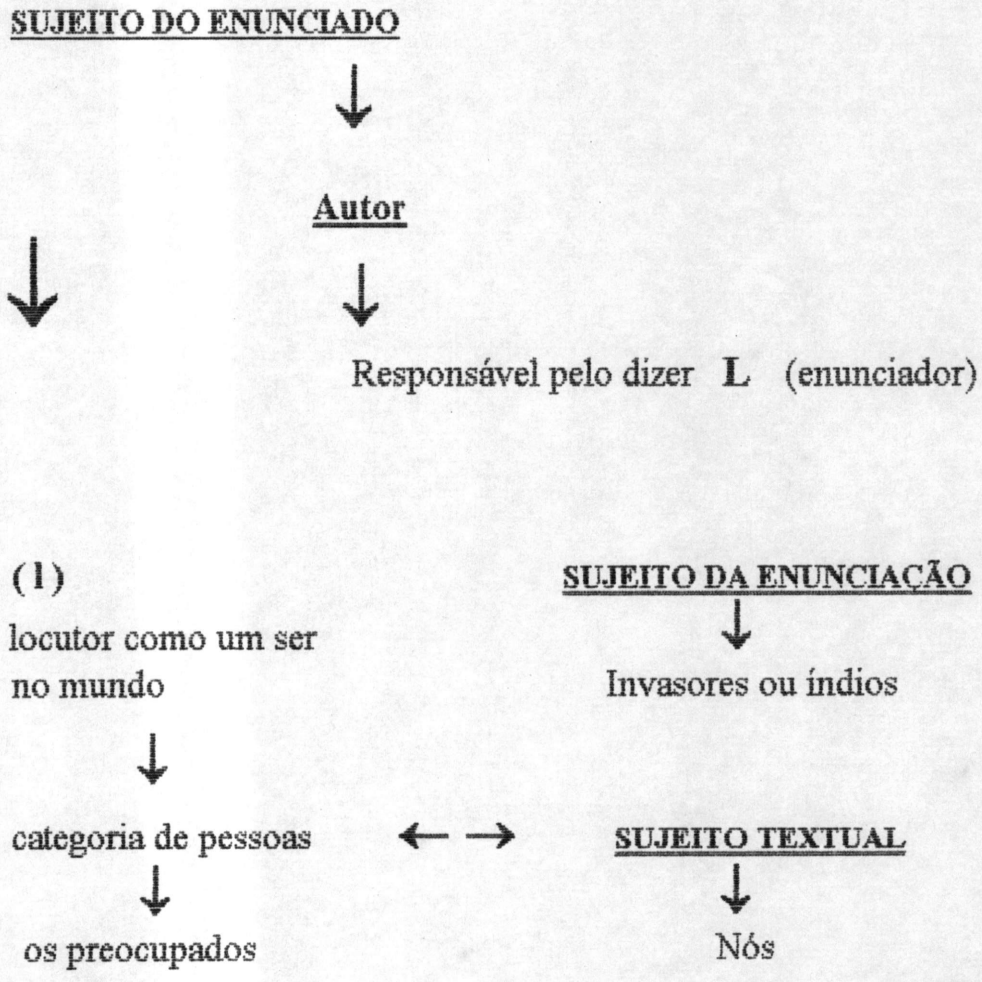
De acordo com o autor do texto, o esquema acima é a representação do que era e ainda é a vida dos índios.

No passado eram os donos da terra, os únicos habitantes; felizes em sua cultura e com a natureza. Com a chegada dos portugueses, aqueles tiveram seu mundo dominado, os que resistiram foram perseguidos, humilhados e muitos morreram. Assim, tiveram o seu mundo destruído, tanto pela questão da terra como da cultura. Para o autor esta situação continua até os nossos dias.

Hoje os índios continuam sendo perseguidos, sem suas terras, lutando para que o governo demarque-as, estão cada vez mais integrados ao mundo do "branco". Os portugueses do passado transformaram-se nos fazendeiros, mineradores e governo na atualidade. Do passado ao presente, os índios continuam sendo vítimas, os "brancos", os carrascos. A voz deste locutor é tão marcante, que ao falar do índio "do passado" usa o tempo presente, exatamente para incitar que hoje ainda o índio vive ameaçado.

Analisaremos a seguir a identificação dos sujeitos no texto, a partir dos quais o enunciador não revela envolvimento.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA



De acordo com o esquema apresentado, verifica-se que o enunciador (**L**) não se identifica como o homem denominado por ele de "branco", nem com o índio ou invasores.

Segundo *Eni Orlandi,* através de *Indursky e Zinn,* **(*)** há três tipos de sujeito que podem ser entendidos como: **sujeito do enunciado** "o que deriva da análise do contexto lingüístico". No texto os enunciados: "... viviam felizes e em equilíbrio com a natureza...", "segundo dados do conselho

Indigenista Missionário...", são responsáveis pela informação, pela idéia do contexto indígena, ele não se coloca como sujeito dos acontecimentos, não se envolve, assim, neles.

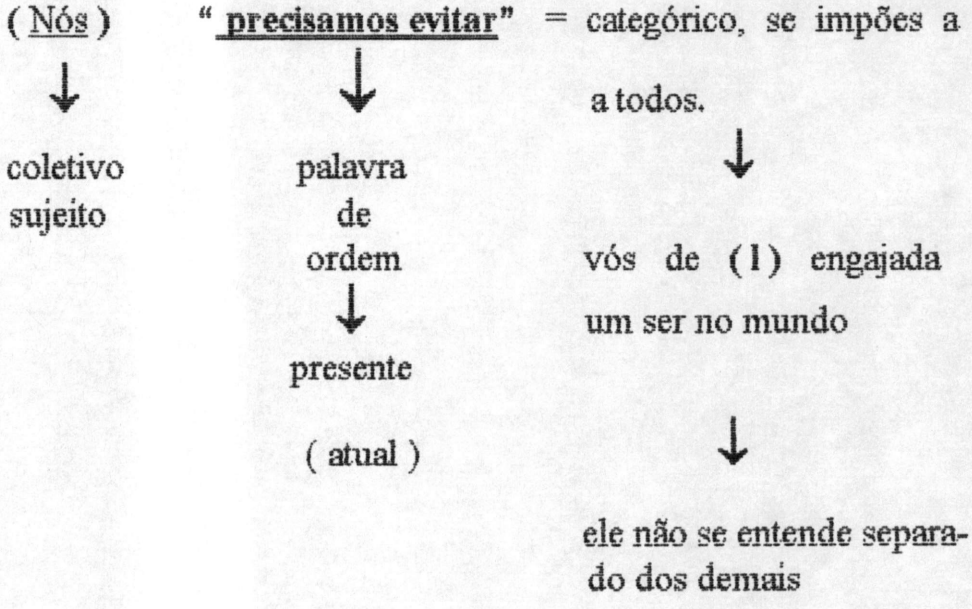
O **sujeito da enunciação** é "o que deriva da análise do contexto da situação". Nas frases: "... os índios conhecem e respeitam a natureza...", "diante dos invasores, os índios fizeram três coisa...", "...lutam para que o governo demarque suas terras...", "...aquelas que tiveram pouco ou nenhum contato com o branco...". O enunciador também não é identificado em nenhum dos sujeitos dos enunciados. Ele não é o índio, nem os invasores, o governo ou "o branco". Ele se exclui totalmente como parte do grupo dos invasores ou invadidos.

O **sujeito textual** é "o que deriva da consideração do texto como um todo, isto é, do contexto textual", encontramo-lo no enunciado: "...e que precisamos evitar". O **nós** fica subentendido na desinência verbal (mos). Mas quem seria esse **nós**? Os índios? Se ele não se identifica como nenhum dos sujeitos presentes no texto, o **nós** não é possível de ser caracterizado como pertencente a algum grupo de sujeitos, pois dele o enunciador faz parte, mas ele mesmo não é parte dos sujeitos encontrados no texto. Volto a questionar: quem é **nós**? O locutor **(l)** como um ser no mundo, que faz parte do grupo de pessoas preocupadas com a situação dos índios? Mas como se ele não é "o branco" invasor do presente e nem do passado, e também não é o "índio", a vítima, se para o enunciador a relação se dá nestes dois termos? Como identificar as outras vozes que seguem o comando do **nós**? Quem é o **nós** diante delas, para ter voz de comando? de acordo com *Indursky e Zinn* , **nós = eu + tu**, ou seja, **eu + não-pessoa**, neste texto, um coletivo indeterminado.

(*) - Leitura como suporte para produção textual - Pag. 30

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Na voz do **nós** é possível encontrar o sujeito coletivo, que instiga os leitores à ação expressa pelo verbo "precisamos evitar", desta forma a voz de comando líder deste pensamento coletivo é um **nós** sozinho.



Tudo isso vem confirmar que através da observação dos argumentos de um texto, poderemos descobrir algumas vozes que se manifestam no discurso, levando-nos às polifonias possíveis de um enunciado.

OS TEMPOS VERBAIS NO TEXTO "O BRASIL DOS ÍNDIOS"

Segundo *Weinrich* "as marcas do texto são altamente redundantes nos enunciados da língua". **(*1)** Assim como os tempos verbais, as situações comunicativas se repartem em dois grupos, em cada um predomina um dos grupos temporais que fazem a distinção entre ***mundo comentado*** e ***mundo narrado.***

Grupo I - indicativo: presente - pretérito perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto e as locuções verbais formadas com esse tempo.

Grupo II - indicativo: pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais do que perfeito, futuro do pretérito e as locuções verbais formadas com tais tempos.

Assim estabelece-se a diferença entre o ***mundo comentado*** e o ***mundo narrado***. "E graças aos tempos verbais que emprega que o falante apresenta o mundo". **(*2)**

Ao ***mundo narrado,*** pertencem todos os tipos de relato, literários ou não. Os eventos são relativamente distantes, que ao serem narrados perdem muito de sua força, levando o leitor a uma atitude mais relaxada. Ao ***mundo comentado*** pertencem todas as situações comunicativas que não sejam apenas relato, o discurso é dramático.

(*1) - Argumentação e linguagem - Pag. 37

(*2) - Argumentação e linguagem - Pag. 37

O falante fica comprometido, tem que reagir. "Comentar é falar comprometidamente". Os tempos comentadores são um sinal de alerta para advertir o ouvinte de que se trata de algo que o afeta e exige sua resposta.

Quando o locutor emprega os tempos do grupo II, assume o papel de narrador, o destinatário é simples ouvinte. A situação comunicativa se desloca para o outro plano da consciência, situado além da temporalidade do mundo comentado, que deixa de ter validez enquanto durar o relato.

No texto "O brasil dos índios" temos a presença dos dois tempos: o ***narrado*** e o ***comentado.***

No primeiro parágrafo encontram-se os verbos "chegaram" - "era" - "estão" - "lutam" - "foi" - "viviam" - "restam". O autor os utiliza para fazer referência à vida passada dos índios. Ele narra uma parte da história, o leitor não precisa ter uma opinião a respeito do que está lendo. Mesmo quando são usados os verbos : estão, lutam e restam, no presente, ainda são para reforçar o passado. A atitude comunicativa é a narrada, pois a maioria dos verbos estão no pretérito, dando uma idéia de retrospectativa.

Do segundo ao quarto parágrafo a atitude comunicativa passa para o comentário, os verbos: "têm", "vivem", "é", "costumam", "aprendem", "conhecem", "respeitam" e "gostam" estão todos no presente, levando-nos a ter uma idéia de atualidade da forma de vida dos índios. O relato desses parágrafos pertencem ao mundo ***comentado.***

Assim de acordo com o que *Weinrich* coloca, o leitor já pode passar a questionar o discurso do autor. Os verbos no tempo do comentário (I grupo), permitem-nos comentar, solicitam a nossa atenção, permite-nos criticar. Já ao iniciar a leitura desses parágrafos, vimos que eles representam uma irrealidade, pois temos a visão do contexto no qual está inserido o índio,

percebemos que trata-se da descrição de uma cultura indígena que não é a atual nem a passada. O índio está idealizado no texto como aquele que trabalha e obtêm seu sustento da mesma maneira, o que não é verdade, pois sabemos que há tribos que vivem apenas da pesca e não plantam.

No sexto parágrafo aparece o verbo "referem", que está no tempo do cometário. Ele nos leva a ter uma posição de uma resposta ao comentário do qual ele faz parte, pois: "As características da vida indígena aqui apresentadas REFEREM-SE à época da chegada dos portugueses", é falsa. Não eram aquelas características, citadas no segundo, terceiro e quarto parágrafos, correspodentes aos índios que viviam no Brasil na época da chegada dos portugueses. Os índios da época de 1500, como lemos nos livros de História habitavam no litoral e não trabalhavam ainda na agricultura, existiam as plantações nativas das quais eles se alimentavam.

Os últimos parágrafos têm os verbos no tempo ***narrado*** e ***comentado***, que se reforçam de acordo com a situação comunicativa, mas prevalecendo ainda o tempo do comentário, pois somos instigados a não ficar passivos às idéias contidas neles. Apesar dos verbos: "foram", "tiveram", "viviam" e "mantiveram" fazerem parte do tempo ***narrado***, não é obrigatório relacioná-los com o tempo passado, pois eles são usados para a análise de dados (número de índios, forma de distribuição). A partir dos verbos: "vivem", "lutam" e "têm" do tempo ***comentário***, é que tiramos as conclusões do que está sendo passado através do texto.

O autor de "O Brasil dos Índios" oxila o seu discurso entre os dois mundos, o ***narrado*** e o ***comentado***, apesar de apenas um prevalecer. Assim, ele teve como trabalho introduzir um relato do passado para servir de base para

um comentário posterior da atualidade, só que de maneira idealizada, tanto num como noutro.

De acordo com a análise dos tempos verbais percebe-se a traição do *narrador / enunciador* ao idealizar o índio da atualidade como o seu ideal do passado.

O índio da atualidade, segundo o autor, ainda é um sofredor, uma vítima de outros invasores, os fazendeiros e os mineradores, pessoas que qerem tomar-lhes novamente a terra que lhes resta.

OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO TEXTO "O BRASIL DOS ÍNDIOS"

Ducrot afirma que o uso da linguagem é inerentemente argumentativo, assim entende-se como significação de uma frase "O conjunto de instruções concernentes às estratégia a serem usadas na decodificação dos enunciados pelos quais a frase se atualiza, permitindo percorrer-lhe as leituras possíveis. Trata-se de instruções codificadas, de natureza gramatical, o que leva, portanto, ao reconhecimento de um valor argumentativo". **(*)** Alguns enunciados são empregados para orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão. Para descrever tais enunciados é necessário "determinar a sua orientação discursiva, as conclusões para as quais ele pode servir de argumento". **(*)**

Os operadores argumentativos determina o valor argumentativo dos enunciados, pois constituem-se em marcas lingüísticas importantes na enunciação.

No texto "O Brasil dos índios", tem-se alguns operadores argumentativos para serem comentados:

(1) "... após quase cinco séculos de perseguição e massacres, os indígenas estão reduzindo a aproximadamente 250.000 pessoas, que *AINDA* lutam por um pedaço de chão..."

(*) - Argumentação e Linguagem - Pag. 104

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

(2) "O resultado foi genocídio que *AINDA* continua e que precisamos evitar".

(3) "... *OU SEJA*, que *AINDA* não tiveram nenhum contato com os brancos ..."

(4) "... As chamadas reservas indígenas - grande parte das quais AINDA não têm os limites definidos ..."

(5) "*APESAR* das diferenças que distinguem os povos indígenas, eles têm muita coisa em comum".

(6) "... vivendo em áreas indígenas, tentando manter seus costumes, *APESAR* da influências externas e das constantes invasões..."

(7) "... que viviam felizes *E* em equilíbrio com a natureza..."

(8) "... as crianças aprendem as coisas por meio da convivência permanente com os adultos *E* têm completa liberdade".

(9) "... 30.000 distribalizados, *ISTO É*, totalmente integrados ao mundo dos brancos".

(10) "... os índios conhecem *E* respeitam a natureza".

(11) "... *JÁ QUE*, há muita gente - ocupando-as ilegalmente..."

O operador argumentativo "**ainda**", serve como introdutor de mais um argumento a favor de determinada conclusão. No enunciado **(1)** esse operador leva-nos a conclusão de que estas "**pessoas**" continuam lutando com a esperança de alcançar o desejado. Mesmo com as perseguições e massacres eles não desistiram. Portanto, o autor já demonstra o lugar ideológico dele, o índio como o lutador; o sobrevivente.

No enunciado **(2)** o operador argumentado leva-nos a entender que o resultado de todo o percurso da vida indígena, a destruição do seu mundo, as lutas e o abandono de sua cultura, levou os índios à morte, tal

situação repete-se até hoje, e deve ser evitada. "**Ainda**" é fundamental para o realce, a reiteração de que precisamos fazer alguma coisa. O enunciado **(3)** refere-se ao número de índios, são dados de sua distribuição. Nele está se prevendo um futuro contato, esta é uma situação passageira, pois poderá a qualquer momento acontecer o contato com o "*branco*". Enquanto isso não acontece eles mantêm suas tradições indígenas. No enunciado **(4)** o "**ainda**" aparece como marcador de excesso temporal. A conseqüência da não demarcação das terras é em função dos outros que querem ocupá-las ilegalmente, elas já deveriam ter sido demarcadas.

O operador argumentativo "**apesar**" é um denotador de exclusão, assim como o "**só**", "**somente**", "**então**", etc, no caso do nosso texto ele é fundamental, inclusive a sua posição vem primeiro, para o argumento das qualidades comuns. Nos enunciados **(5)** e **(6)**, ele funciona de forma que nos leva a considerar que o mesmo os índios sendo diferentes têm coisas em comum, têm uma cultura peculiar a todos eles. Mesmo com as invasões e influências de pessoas interessadas nas terras eles mantêm seus costumes, sobrevivem em sua cultura. Isto vai ao encontro da idealização já comentada por nós.

O operador "*E*", liga dois atos da linguagem. Nos enunciados **(7)**, **(8)** e **(10)** ele é empregado e nos leva a concluir que: a felicidade está ligada ao equilíbrio ecológico com a natureza: os índios eram felizes porque respeitavam a natureza e tinham liberdade porque os pequenos conviviam com os adultos, aprendiam sem a escola, que é sinônimo de prisão. Os índios respeitavam a natureza porque a conhecem, que não tem esse respeito é porque não a conhece, ou seja, é o "*branco invasor*".

Os operadores "**ou seja**" e "**isto é**" são uma espécie de "*faz de conta*" no explicar, uma suposta expressão explicativa que dá seriedade e exatidão exposta na oração e que é usada para introduzir um termo. Assim nos enunciados **(3)** e **(9)**, ela reforça o conceito "*distribalização*", que não era necessário aparecer, assim como "*arredios*", que são termos técnicos em livro de 5ª série.

O operador "*já que*" tem o mesmo sentido do "*porque*", que introduz um ato de justificativa do enunciado anterior. No enunciado **(11)** ele justifica que o motivo do governo não demarcar as terras dos índios é em função dos mineradores e fazendeiros que estão interessados nelas.

Somente analisando os operadores argumentativos é possível perceber sua importância. Eles nos levam a determinadas conclusões, pois ao percebê-los no texto, iniciamos as discussões e opiniões, reconhecendo a força argumentativa contidas neles.

LEITURA DO TEXTO ILUSTRATIVO "O BRASIL DOS ÍNDIOS"

Através dos elementos que compõem a ilustração, podemos chegar à conclusão de que se trata de um texto que tem como assunto a vida indígena.

Tais elementos podem ser assim interpretados:

Objetos: céu: envolvido por muitas nuvens, azul, limpo.

oca: grande, resistente, protetora, central.

chão: limpo, nivelado.

coqueiro: alto, situado numa floresta abundante.

Pessoas: dois índios.

disposição espacial: ao chão, a frente da oca, à frente da gravura que está em destaque.

trajes: típicos indígenas, com enfeites de dança.

atitude: movimento de luta ou brincadeira.

envolvimento: participantes.

Explicitação dos implícitos: (inferências)

A partir dos dados identificados, pode se estabelecer as inferência que seguem:

oca: lar, cultura forte, cena doméstica.

céu: beleza, paz, suavidade.

chão: segurança, a terra.

coqueiro: a natureza preservada; idealizada como um paraíso, coqueiros nativos...

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A atitude dos índios está fortalecendo a sua cultura, a dança e a luta que são forma de diversão, e ao mesmo tempo significa a resistência às imposições do colonizadores que queriam transformar aquele mundo, é um reforço a colonização de hoje.

Relações contextuais:

Reconstituição do contexto sócio-político-econômico da época.

A interpretação do texto leva-nos a reconstituir o contexto sócio-político-econômico da época. Os portugueses no século XVI, viviam um período de grandes descobertas, dominavam a navegação e competiam com a Inglaterra e a Espanha. Em busca de novas riquezas e de difundir a fé cristã, que representava a união da Igreja com a coroa, encontraram no Brasil uma terra com muitas riquezas inexplorada com índios que foram dominados tanto na sua cultura como na fé. Esta conquista mudou o cenário mundial e fortaleceu a monarquia portuguesa, enriquecida com terras, escravos, minérios e madeiras.

Relações intertextuais:

O texto ilustrativo de "O Brasil dos índios" permite estabelecer relações com muitos outros textos que trazem a história do descobrimento do Brasil, catequização dos índios e textos atuais que trazem reflexões sobre os índios da época do descobrimento.

Como intertexto analisaremos a gravura do quadro ***Abaporu***, de *Tarsila do Amaral*, que apresenta os seguintes elementos:

Objetos: céu: limpo, claro.

sol: não tão grande.

chão: desnivelado.

planta: seca, única.

Pessoas: um ser disforme.

disposição espacial: sentado.

traje: nu.

atitude: reflexivo.

envolvimento: observação.

Implícitos: céu: realidade evidencia.

sol: a luz, o calor e a proteção insuficientes.

planta: princípio do fim, destruição, solidão.

chão: insegurança, abandono.

Contexto: época da primeira guerra mundial, que gerou a industrialização e a urbanização. o Brasil começava a ter consciência da realidade, e os grupos buscavam definir e marcar posições, voltar às origens. O índio verdadeiramente brasileiro é valorizado e passa "por uma revisão" através da arte. Era a época do movimento Modernista que denunciava a realidade brasileira.

Leitura crítica:

Intencionalidade.

A intenção contida na ilustração é mostrar o mundo indígena do passado como o perfeito, feliz, em comunhão com a natureza e com a sua cultura.

Ideologia:

Os indígenas são perseguidos desde o passado e até hoje são vítimas de injustiças dos homens brancos do passado, dos portugueses e dos homens "brancos" do presente, do governo, fazendeiros, garimpeiros... Eles

respeitam e preservam a natureza, coisa que o "branco" não faz. Seu mundo é o ideal do bom viver.

Posicionamento crítico:

O índio é idealizado como um sofredor desde o passado. Na atualidade continua vítima de grupos que querem lhe tirar da terra e a cultura. Se estão perdidos nela, é em função do seu convívio com os "brancos". Eram eles que preservavam a terra que hoje não mais os lhes pertencem.

LEITURA DO TEXTO LINGÜÍSTICO
"O BRASIL DOS ÍNDIOS"

Leitura interpretativa

Relação textuais

Levantamento de idéias e argumentos

As idéias que o texto apresenta são:

- o Brasil da época de 1500 era habitado por um povo feliz, os índios;
- o Brasil era uma terra respeitada, preservada;
- os portugueses começaram a destruir o Brasil e a cultura dos índios;
- os índios têm muita coisa em comum;
- os índios lutaram para não ser invadidos;
- contato com o branco mudou as características do índio;
- extinção dos indígenas;
- resistência de alguns índios à cultura do branco;
- luta pela terra;
- fazendeiros e mineradores ocupando as terras que são dos índios hoje.

Explicitação dos implícitos (influências)

A leitura realizada permitiu-nos levantar as seguintes inferências:

- o número de índios era maior do que o citado no texto antes dos invasores chegarem, pois eles foram reduzidos;

- desde a chegada dos portugueses até hoje os índios lutam por um pedaço de terra que um dia pertenceu apenas a eles;

- antes da chegada dos portugueses o mundo indígena era perfeito;

- o colonizador conseguiu dominar os índios, que foram perdendo sua cultura;

- houve lutas, mortes, humilhações, vergonhas, sempre do branco para com o índio, que é a vítima;

- os índios foram envolvidos na cultura dos "brancos", e por isso deixaram seus costumes, a liberdade e a perfeição;

- os que não sofreram influência do "branco" continuam vivendo bem, conforme a sua cultura;

- sofrem influências, mas oferecem resistência;

- o índio é um lutador, não se entrega;

- a terra não é dos fazendeiros e mineradores;

- o governo está a favor dos que querem a terra dos índios;

- fazendeiros, mineradores - novos invasores.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Relações contextuais

O texto "O Brasil dos índios" foi escrito por Cláudio e Nelson Piletti. O texto faz parte do livro didático da 5ª série usado nas escolas. Ele já traz um conceito predeterminado a respeito da posição que o leitor irá assumir ao realizar a sua leitura. O texto destina-se a mostrar a situação

indígena do passado e a de hoje, conforme a visão dos autores, que pensam o índio como vítima do presente e do passado.

Contexto sócio-político-econômico

Recém saído do regime do regime militar, o Brasil da segunda metade da década de 80 vive um momento de transição política. Nascia, a chamada Nova República e junto com ela a esperança de mudanças políticas, econômicas e sociais.

Relações intertextuais

Música: kikiô

Características comuns para o intertexto:

- Kikiô significa a origem do índio tupi e guarani, é a índia-mãe;
- Kikiô nasceu no litoral, entre montanhas, natureza bela e perfeita;
- Tudo era bom, apenas o índio vivia lá;
- O índio era o dono da terra;
- Kikiô morre feliz, porque a terra continua sendo do índio;
- Cultura preservada, continuada;
- Luta contra o branco, e a dominação;
- Sofrimentos;
- Desejo de volta à vida passada.

Intencionalidade

Ao produzir o texto, os autores desejam mostrar a forma de vida do índio no passado, para ser comparada com a atualidade. O índio é o herói, que valorizava sua cultura e a terra que era dele. O "branco", o invasor, responsável pelos males dos quais os índios tornaram-se vítimas. Através da leitura somos levados a pensar que é realmente necessário salvar-mos o índio dessa situação humilhamente que começou no passado e ainda acontece hoje.

Ideologia

No passado os índios eram perseguidos pelos portugueses, hoje pelos fazendeiros, mineradores e até pelo governo. São as vítimas em todos os momentos.

Posicionamento crítico do leitor

O índio não é a nação que apenas sofre a s injustiças, pois possui os direitos garantidos e pessoas que trabalham em função de sua proteção. Qualquer ação contra ele é severamente punida.

A atitude dos autores em idealizar o índio torna mais complicada a compreensão de que o ocorrido faz parte da constituição histórica do país, de um processo histórico de formação de um povo.

Não existe apenas o lado do oprimido X opressor ou o lado bom X o lado mal; as violências também acontecem vindas do índio. É importante conceber a história sem manipular os acontecimentos a favor de um povo, até

porque os autores se contradizem, pois colocam que o índio precisa ser salvo, e é pelo não-índio, o mesmo que é responsável pela sua destruição.

- Relacionamento entre a produção de leitura do texto ilustrativo e do texto lingüístico "O Brasil dos índios".

Realizada a interpretação do texto ilustrativo e lingüístico, percebemos que ambos nos levaram a uma mesma direção: o índio é idealizado tanto no passado como no presente. Seu mundo era perfeito, sua cultura forte, sua forma de vida a ideal. O "branco" é o destruidor de tudo isto, portanto, o responsável agora por salvar os índios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leitura: Teoria X Prática

No decorrer desta pesquisa tivemos a oportunidade de conhecer algumas concepções de leitura propostas pelos autores lidos. Conhecemos e, principalmente, presenciamos a prática em sala de aula.

A forma de leitura trabalhada na escola é superficial, não há aprofundamentos e explorações que tornem o texto um veículo de descobertas de sentidos. O aluno não faz parte dele, não o completa, apenas lê o que está codificado. As respostas são únicas, não é possível perceber as diferenças entre a realidade de suas vidas. Eles não sabem questionar, porque o texto não lhes exige tal posição, da forma que é trabalhado. São passivos às informações recebidas.

O professor, não tendo conhecimento das várias formas de leitura, não oferece condições para que o aluno desenvolva sua criticidade e passe a ter uma posição diante do que lê. Assim, a leitura segue sempre da mesma forma: linear e mecânica.

A leitura, de acordo com as teorias, é algo que inova o nosso conhecimento, oferece-nos suporte para outras relações. Descobrimos a ela e a nós. Ela precisa ser elaborada para ter qualidade, o aluno deve escolher o tipo de leitura de que gosta, assim fica mais fácil desperta-lhe o interesse. Ler não pode ser uma imposição de textos escolhidos pelo professor.

Quando aprofundamos o nosso conhecimento através da leitura e estudos das formas possíveis de se trabalhar um texto, nos tornamos capazes de compreendê-lo em sua totalidade.

Apenas através do professor preparado, com todas as informações possíveis a respeito do que é uma leitura, como realizá-la, que formas diversas existem de interpretação, é que o aluno poderá decifrar todas as polifonias textuais, tornando-se uma pessoa crítica e consciente do mundo em que vive.

Comparando então a prática e a teoria de leituras, fica evidente que o domínio das teorias ajudam muito no trabalho do professor, se delas ele tiver conhecimento. Por mais boa vontade que o professor tenha, sem elas, seu trabalho não fica completo, não traz resultados.

A leitura é a consistência para a realização de qualquer bom trabalho, e o aluno, é o personagem principal dele.

A leitura que o livro didático oferece não contribui para o crescimento crítico do aluno. As explorações são superficiais, não exigem um posicionamento, não desenvolve o raciocínio para a compreensão do que existe de verdade no que ele traz. O aluno não torna-se parceiro na formação do texto. Ele é apenas o receptor de idéias alheias.

Nas aulas de leitura, é importante conscientizar o aluno da existência dos diferentes níveis de significação; significação que pode estar à vista ou de forma sutil no texto. As várias significações ligadas a intencionalidade do autor, os atos que ele deseja realizar com o texto e produzir no leitor. A forma como ele representa "assim mesmo ao outro e ao mundo por meio da linguagem".

Cada texto abre a perspectiva de muitas interpretações. As intenções do autor são as mais variadas, portanto não é possível pensar em

uma única interpretação, em um só sentido. Tem-se que através das marcas linguísticas descobrir-lhe todos os sentidos, e para isso o aluno tem que ser trabalhado para conseguir identificar tais marcas, como: os tempos e modos verbais oposto, o pressuposto, o subentendido, etc. O aluno precisa saber que essas marcas estão na própria gramática e na própria língua.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ANEXOS

Interpretação:

1- Como era a raposa Lili?

2- O que aconteceu com Lili?

3- Na sua opinião, porque Lili queria que as outras raposas cortassem seus rabos?

4- O que as outras raposas fizeram com Lili quando desconfiaram de sua proposta?

5- O que aconteceu com Lili depois disso?

A RAPOSA E A CEGONHA

Sábado à noite, a comadre cegonha foi jantar na toca da raposa.

Bate-papo daqui, fofocas dali, as comadres riam muito.

Raposa serviu uma suculenta sopa de carne em dois pratos rasos.

A raposa lambia os beiços e comeu num zás-trás.

A cegonha mal pôde molhar a ponta do bico, pois o prato era muito raso.

-- Espero que tenha gostado do jantar. - falou a maliciosa raposa.

Comadre cegonha, muito educada, não se queixou e falou:

-- Amanhã, darei um almoço para uns parentes em minha casa e gostaria da presença da tão gentil amiga.

-- Ótimo! lá estarei - respondeu a raposa.

Despediram-se com beijinhos para cá e para lá.

No dia seguinte, a raposa foi toda enfeitada almoçar na casa da cegonha.

A cegonha serviu uma sopa gostosa num vaso comprido, fino e cheio até a metade.

A raposa não pôde comer nada, pois seu focinho não entrava no vaso. A cegonha comia, comia e comia.

A raposa não pôde reclamar de nada e foi para casa com fome, pensando no que tinha acontecido

MUNDO ANIMAL

Querida Vovó,

A Aninha que é a minha arara está muito esperta e eu gosto muito de passear com ela. Ela já está falando muitas coisas, pena que só eu entendo.

Outro dia nós saímos juntos e encontramos um menino metido, chamado André.

Você não vai acreditar o que a Aninha, a arara fez, disse para ele, escuta só: você é muito burro, metido a sabidão e é muito mal educado.

O André ficou tão sem graça...

Agora tenho que estudar, mas antes vou transcrever e traduzir algo que a Aninha quer lhe dizer:

Ela disse: Vovó você é a vovó mais fofa do mundo!!

BONS COMPANHEIROS

Era uma vez um patinho, muito amarelo e engraçado. Vivia à beira da lagoa onde tomava banho todos os dias. Não tinha amigos nem irmãos.

Um dia conheceu um lindo peixinho vermelho e se tornaram bons companheiros.

O patinho e peixinho gostavam do sol e da água. O peixinho vermelho dava grandes saltos e o patinho batia as asinhas de satisfação.

Era um gosto ver os dois brincarem na lagoa azul.

O sol tomava conta da felicidade deles, seus raios luminosos faziam a água brilhar. Era verão.

Como será que eles se tornaram bons amigos?

DONA CONCEIÇÃO

Como acontece todos os dias, dona Conceição ensistia com o filho.

-- Paulinho, você não vai comer?

-- Não, mamãe, não tenho fome.

-- Mas você precisa se alimentar, meu filho. Veja o que comprei para você, mamão, melancia, melão, chocolate, leite, pão, manteiga e geléia.

-- Você não quer nada?

-- Mas por que eu preciso comer?

-- Pra ficar forte, meu filho.

Dona Conceição, já impaciente, exclamou:

-- Ora, filho! por que se não o vente te leva.

E Paulinho, contente, gritou:

-- Oba. Agora é que não vou comer mesmo. Será que um dia vou voar?

Kikiô

Kikiô
Nasceu no centro
Entre as montanhas
E o mar
Kikiô
Viu tudo lindo
tudo índio
por aqui
Índia-América
Deu filhos
Foi Tupi
Foi Guarani
Kikiô
Morreu feliz
Deixando a terra
para os dois
Guarani
Foi pro sul
Tupi, pro norte
E formaram
suas tribos
Cada um no seu lugar
Vez em quando se encontravam
pelos rios
da América
E lutaram juntos contra
o branco em busca
de servidão
E sofreram tantas dores
Acuados no sertão.
Tupi entrou
No Amazonas
Guarani
Ainda chama
Kikiô na lua cheia
Quer Tupi, quer Guarani

Almir Sáter

A RAPOSA SEM RABO

Lili era a raposa mais linda e vaidosa da floresta. Um belo dia, caiu na armadilha do caçador.

Chorou, debateu-se, gritou por socorro e finalmente conseguiu escapar. E o rabo onde ficou?

O rabo ficou na armadilha.

Lili, envergonhada, chorava muito e ficou muito tempo escondida.

Um dia, teve uma idéia genial.

Chamou as outras raposas para uma reunião e fez uma proposta.

-- Queridas amigas, cheguei à conclusão de que nossas caudas só servem para atrapalhar, quando fugimos dos caçadores. Propondo que cortemos essas horríveis caudas!

As raposas, muito matreiras desconfiaram de alguma coisa e falaram:

-- Ótimo Lili! Cortaremos primeiro a sua. Vire-se para cá.

Lili, desapontada, virou-se e ...

A gargalhada foi geral.

Lili aprendeu a lição e acostumou-se a viver sem o rabo. Lili viu que a beleza e a vaidade não eram as coisas mais importantes de sua vida.

(Fábula de Esopo - Adapt. Luiz G. Cavalcante)

PILETTI nelson, PILETTI claudin
História e vida - Brasil
da Pré-história à
independência. Volume 1
Ed. Ática. 1985.



Capítulo 2

O Brasil dos índios

I Conteúdo básico

Quando aqui chegaram os portugueses, em 1500, este território era habitado por cerca de 5 milhões de pessoas, os índios. Hoje, após quase cinco séculos de perseguições e massacres, os indígenas estão reduzidos a aproximadamente 250 000 pessoas, que ainda lutam por um pedaço de chão nesta terra que foi toda deles. De cerca de 900 nações indígenas, com línguas, costumes, religião, organização social e política diferentes, que viviam felizes e em equilíbrio com a natureza, restam hoje 180 povos.

Apesar das diferenças que distinguem os povos indígenas, eles têm muitas coisas em comum: em sua maioria vivem da coleta de frutos da floresta (cacau, maracujá, araçá), da agricultura (mandioca, milho, abóbora), da caça (anta, tatu, veado) e da pesca (traíra, piava); a terra é de todos e o produto do trabalho é distribuído entre todos, embora cada índio possua seus próprios instrumentos, como o arco e as flechas; as tarefas costumam ser divididas entre as mulheres (trabalho agrícola, coleta, fabricação da farinha, serviços domésticos) e os homens (derrubada do mato, caça e pesca, fabricação de canoas, construção das casas); as crianças aprendem as coisas por meio da convivência permanente com os adultos e têm completa liberdade.

Os índios conhecem e respeitam a natureza, conhecem as plantas e seus efeitos sobre a saúde; os animais, seus hábitos e a época de caçá-los; dezenas de venenos utilizados na pesca (timbó) e na caça (curare); como modificar a cor das penas dos pássaros (tapiragem); como fazer bolas de borracha; como retirar o veneno da mandioca venenosa, por meio do tipiti; etc.

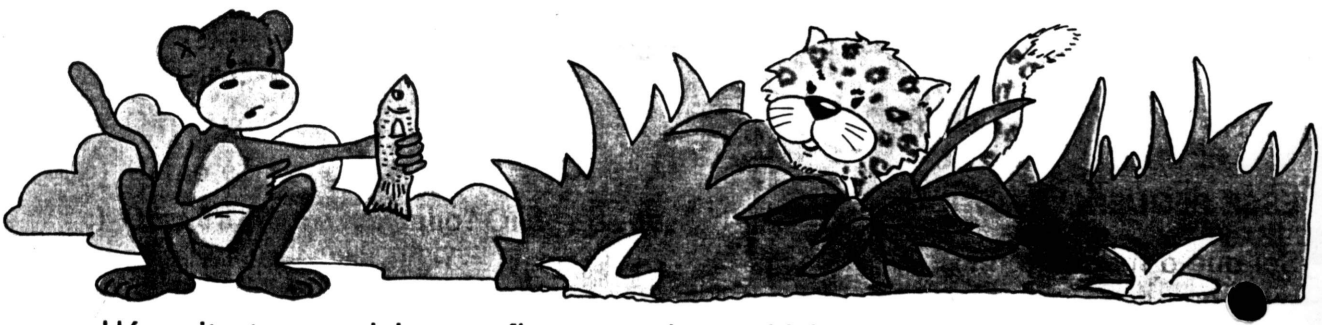
Os indígenas gostam muito da arte. Tanto da arte que tem utilidade para o seu dia-a-dia, como a fabricação de utensílios (redes, vasos de cerâmica) e armas (arco e flecha, borduna), quanto da arte que está ligada a seus rituais e festas, como a pintura do corpo, a arte plumária (feita de penas de pássaros), os cantos e as danças.

A destruição do mundo indígena começou no momento da chegada dos conquistadores europeus. Diante dos invasores, os índios fizeram três coisas: lutaram de armas na mão, tentando expulsá-los de suas terras; não podendo derrotar o invasor, muitos índios tentaram conviver com ele, sendo obrigados a abandonar seus costumes e trabalhar como escravos; outros fugiram para o interior do território, sendo perseguidos e caçados. O resultado foi o genocídio que ainda continua e que precisamos evitar.

As características da vida indígena aqui apresentadas referem-se à época da chegada dos portugueses. Em contato com o colonizador, muitas dessas características foram sendo modificadas, mantendo-se em parte, mais em algumas nações (aquelas que tiveram pouco ou nenhum contato

O macaco sabido

Os índios brasileiros sempre gostavam de contar histórias de macaco e onça. Aqui vai mais uma...



Há muito tempo viviam na floresta todos os bichos, como em sociedade.

O macaco era inteligente, a onça muito forte. O macaco aprendeu muitas coisas: sabia pescar e um dia descobriu que, esfregando dois pedaços de madeira, um no outro, dava fogo. Com o fogo cozinhava sua comida e todo o mundo animal sentia aquele cheiro bom e queria aprender com o macaco.

Mas a onça, que era forte e burra, não queria aprender nada. Andava vigiando o macaco para comer da comida dele, já pronta. Foi assim que um dia a onça apareceu de repente na casa do macaco, que tinha pescado, naquele momento, um grande peixe.

A onça disse:

— Eu quero esse peixe.

O macaco respondeu, tremendo de medo:

— Vou cozinhar primeiro, depois comemos.

A onça lambeu os beiços, mas o macaco resolveu dar uma lição na atrevida e disse:

— Para cozinhar preciso de fogo. Vá buscar fogo para mim.

— Onde?

— Lá — o macaco apontou o Sol, que naquele momento parecia uma tocha.

A onça tolamente correu em direção ao Sol. Andou, andou, andou e não encontrou sol nenhum. Quanto mais pensava estar próxima daquele fogo, mais longe se encontrava. Assim, cansada e faminta, andou pela floresta toda.

O macaco sabido aproveitou a ausência da inimiga, fez seu foguinho, cozinhou o peixe e comeu tudo. Deixou só o espinhaço. Foi quando viu que a onça vinha voltando. Subiu numa árvore muito alta e esperou.

A onça chegou furiosa e viu o espinhaço do peixe e a brasa quase apagada. Gritou:

— Macaco, você me paga! Estou com fome e não encontrei fogo nenhum. O fogo estava com você. Desça daí!

— Não desço não, que não sou bobo.

A onça saltou e quis pegar o macaco, mas ele estava muito alto.

Walmir Ayala. **Histórias dos índios do Brasil.** Rio de janeiro, Bruguera.

UNEMAT
Campus Universitário de Diamantes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Bontes e Lacerda
Aluno:
Professora: Nelba André
Disciplina: Português

4ª série

Casa Branca (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de são João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Pra que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de plantação
Por falta d'água, perdi meu gado
Morreu de sede, meu alazão

Inté mesmo a Casa Branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje, longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óios
Se espraiar na plantação
Eu te asseguro, não chore não, viu
Que eu voltarei, viu, meu coração



Abaporu, *de Tarsila do Amaral*

Reg: 5229 monografia

Universidade do Estado de Mato Grosso

= UNEMAT =

BIBLIOTECA

Este Livro Deve Ser Devolvido Na última Data Carimbada

Gráfica Sanelle - 3286-3154/1528 - Postos e Lacerda 467 - 08/2008

Bibliografia:

* **Koch**, Ingedore G. Vilhaça. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 1987

* **Lajolo,** Marisa

* **Macedo**, José Rivair

Brasil uma história em construção - Editora do Brasil, 1996 - pag. 19 a 47

* **Machado,** Irene A.

Literatura e Redação - Editora Scipione

Fábulas: pag. 55 e 56

* **Nicola**, José de

Literatura Brasileira: das origens aos nossos In: Modernismo (198-277). Ed. Scipione. São Paulo. SP. 1989

* **SILVA**, Lilian Lopes Martins da . A escolarização do leitor: A didática da destruição da leitura. In: LEITURA: teoria e prática. Campinas, 3 (4) : 38 - 45, dezembro/89

* **VARGAS**, Rosilda,

A criança e o Brasil, 4ª série: São Paulo, 1996 - Coleção Tobogã, pag. 4 a 18

* **WALTI**, Ivete - **PAULINO** Graça,

Teoria da Literatura na escola - Atualização para professores de I e II graus.

In: Intertextualidade: noções básicas - (28).

Belo Horizonte. 1992